

---

# *CONSCIÊNCIA, FILOSOFIA DA MENTE E FENOMENOLOGIA*

---

*André R.C. Fontes\**

## § 1º.

### As formas da consciência

Os autores que trataram da consciência, em sua grande maioria, reconheceram o mistério que a envolve. A dedicação de atenção e esforço ao tema da consciência é uma exigência necessária e prévia a qualquer estudo cognitivista. Uma definição precisa de consciência parece-nos que deve ser evitada, não só pelos perigos de ser prematura, como pelo fato de que o mundo só tem uma ideia aproximada do que significa consciência. Até que o assunto seja compreendido, um problema menor será a sua definição, ao menos pela probabilidade de se confundir ou restringir a ideia de consciência, em seus mais variados aspectos.<sup>1</sup>

A falta de uma definição não impede que façamos a análise

---

\* Desembargador no Tribunal Regional Federal da 2ª Região (Rio de Janeiro e Espírito Santo) e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

<sup>1</sup> Depraz, Natalie. *La conscience*. Paris: Armand Colin, 2003. p. 23.

de alguns pontos de partida, nos quais, normalmente, baseia-se o estudioso em seus trabalhos. Afinal, se a Termodinâmica, que é parte da Termologia (da Física), aceita, *mutatis mutandis*, a energia como conceito primitivo, sem definição, ou seja, apenas caracterizando-a, sem que isso a prejudique nos estudos relacionados com a ideia de trabalho, energia, calor e entropia e mesmo as leis que governam os processos de conversão de energia, também não haveria motivo para deixar de estudar a consciência por ausência de uma definição precisa. *De pari passu*, ninguém deixou de achar justo ou injusto algo, por ausência de um conceito de Justiça (*justitia*).<sup>2</sup>

O principal problema a ser enfrentado é o fato de que a consciência não é uma descoberta científica. Uma ideia boa ou má da consciência não impedirá que continuemos a falar, desde a infância até os tempos futuros, de algo que se encontra na linguagem que aprendemos. Partir dessas noções mais simples para construir alguma sistematização, se faz possível, mesmo sem uma definição científica.<sup>3</sup>

Deve ser lembrado sempre que, no mais simplificado uso da palavra, o termo consciência se aplica a fenômenos muito distintos e conota diferentes propriedades. É por essa razão que se procura reconhecer nela um conceito híbrido. Ao partirmos da premissa multifacetária da consciência, poderíamos suscitar a discussão sobre uma enumeração útil para as formas de consciência.<sup>4</sup>

A literatura mais dedicada ao tema nos oferece normalmente uma dupla perspectiva da consciência, nos seguintes termos:

- a) uma consciência fenomênica;
- b) uma consciência de acesso.

Essa classificação é fundada na diferença entre a consciência

---

<sup>2</sup> Aubert, Jean-luc. *Introduction au droit et thèmes fondamentaux du droit civil*. 6ª ed. Paris: Armand Colin, 1995. p. 15.

<sup>3</sup> Hierro-Pescador, José. *Filosofia de la mente y de la ciencia cognitiva*. Barcelona: Akal, 2005. p. 49.

<sup>4</sup> Francesco, Michele di. *Introduzione alla filosofia della mente*. 9ª ed. Roma: Carocci, 2002. p. 105.

fenomênica e a consciência de acesso e sobre tal distinção constitui-se a classificação.<sup>5</sup>

Por consciência fenomênica se entende aquela que é resultante da experiência; é aquela com a qual se percebe cada uma das diferentes sensações, percepções e sentimentos, e, portanto, a forma como se vê cada coisa, como se ouve ou se sabe. Já a consciência de acesso está relacionada a uma concepção funcional, depende dos estados mentais e é definível em um programa de computador.<sup>6</sup>

Embora seja possível aplicar a consciência fenomênica aos tipos de estado da consciência de acesso, algumas manifestações bem que poderiam ser muito mais de fenômenos do que de acesso, como é o caso da dor. Qualquer que seja ela, corresponderá a um estado da consciência que será a dor, mas não será a dor *in concreto*. A consciência de acesso nos permite utilizar um pensamento como premissa para um raciocínio, que deve ser um raciocínio concreto. Mas, a determinação de ser ele e não outro, está lastreado no paradigma do estado fenomenicamente consciente da sensação, e isso não é alcançado pela consciência de acesso. Ainda que a atitude proposicional da dor alcance a consciência de acesso, é a consciência fenomênica que percebe, amiúde, o conteúdo representacional.<sup>7</sup>

Não distinguir a consciência fenomênica da consciência de acesso redundaria em identificar a consciência de um autômato computacionalmente idêntico a uma pessoa, sem consciência fenomênica.<sup>8</sup>

Indagação que se poderia fazer é se uma desordem mental, que retirasse a consciência do seu padrão de percepções, também afastaria a consciência fenomênica. A dor de quem está em “estado de

---

<sup>5</sup> Hierro-Pescador, José. *Filosofia de la mente y de la ciencia cognitiva*. Barcelona: Akal, 2005. p. 179.

<sup>6</sup> Fisette, D. Poirier, P. *Philosophie de l'esprit. Psychologie du sens commn et sciences de l'esprit*. V. 1. Paris: J. Vrin, 2002. p. 270.

<sup>7</sup> Fisette, D. Poirier, P. *Philosophie de l'esprit. Problèmes er Perspectives*. V. 2. Paris: J. Vrin, 2003.. p. 157.

<sup>8</sup> Hierro-Pescador, José. *Filosofia de la mente y la ciencia cognitiva*. Barcelona: Akal, 2005.p. 176.

inconsciência” não seria sentida? A consciência fenomênica é suficiente para determinar os casos de sensação como ocorre com a dor?

## § 2º.

### Para uma tipologia de consciência

Na panorâmica atual dos estudos sobre a *consciência*, dois são os tipos conhecidos e difundidos, que bem poderiam ser representados pela classificação de consciência fenomênica e consciência de acesso.<sup>9</sup>

Consolidados e distinguidos, segundo o correspondente domínio do saber para o qual eles contribuem com seus estudos, formam a construção dual e registram a limitação da consciência a duas formas, mantendo-se imbuída do mais puro experimentalismo. Dessa forma, olvida que as atitudes fenomênicas estão longe de integrar tudo aquilo que pode ser percebido, como ocorre com a própria consciência. A Fenomenologia já se consagrou como superação ao Fenomenismo, porque se no Fenomenismo o que é aparece, a Fenomenologia explicou que aparece porque algo, certamente o fenômeno, assim se manifestou.<sup>10</sup>

A consciência reduzida a fenômenos e aos seus estados mentais, por acesso, limita e altera o que poderia ir além da experiência ou do experimentalismo. A consciência não prescinde da consciência de acesso, mas não se limita à temática fenomênica. Demais disso, a consciência fenomênica tradicionalmente pressuporia, por exemplo, a sensação da dor concreta e a sua consciência, pois ninguém sentiria dor objetivamente considerada. Toda consciência fenomênica é

---

<sup>9</sup> Hierro-Pescador, José. *Filosofia de la mente y de la ciencia cognitiva*. Madrid: Akal, 2005. p. 174.

<sup>10</sup> Laugier, S. Wagner, P. *Philosophie des sciences*. Paris: J. Vrin, 2004. p. 159.

preenchida pela sensação concreta e de sua consciência, o que leva à conclusão de que desvios de personalidade poderiam sentir prazer onde há dor e teríamos que dizer que o prazer na dor que ele tem não é prazer, é dor. De nada adiantará dizer que é prazer, porque na consciência fenomênica essas formas não são separadas.<sup>11</sup>

A necessidade da consciência fenomênica, tradicionalmente integrada, ser atualizada para aquilo que a fenomenologia nos legou e distingui-la da consciência, que talvez seja própria da Psicologia. Na concepção tradicional de consciência fenomênica, os fenômenos psicológicos seriam uma redundância.<sup>12</sup>

Ao que parece, três devem ser as formas da consciência:

- (1) a *consciência psíquica*;
- (2) a *consciência cognitiva*;
- (3) a *consciência orgânica*.

A primeira, a consciência psíquica, sob o domínio científico da Psicologia, afastaria a concepção reísta que se pretende dar à consciência fenomênica. A segunda, a consciência cognitiva, que bem poderia ser afastada da ideia fenomenista e ficar atrelada à própria ideia de cognição, marcada pela intencionalidade imprimida pela Fenomenologia. A terceira é determinada pelas formas de acesso da consciência, na sua forma orgânica e cujo conteúdo é objetiva e concretamente buscado pela Inteligência Artificial. Cada uma das formas de manifestação da consciência obedece a um rígido sistema de pensamento, organizado segundo uma atividade que se poderia classificar, respectivamente, de psicofísica, cognitiva e orgânica. São estas três classes de consciência submetidas a uma estrutura escalonada

---

<sup>11</sup> Fisette, D. Poirier, P. *Philosophie de l'esprit*. Paris: J. Vrin, 2003. p. 157.

<sup>12</sup> Giles, Thomas R. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em M. Merleau Ponty*. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 130.

de análise. A primeira (a consciência psicológica) submete-se a uma disposição que se poderia chamar de 3º nível, e que é antecedida pela consciência cognitiva, de 2º nível, e cuja base seria aquela outra consciência para a qual a Inteligência Artificial encontra o seu principal obstáculo de atuação, que seria essa consciência orgânica.<sup>13</sup>

As bases de sua expressão conceitual são as condições necessárias para a sua estruturação e uso corrente na relação que trava com as ciências, com as quais contribui na sua morfologia. Se os conceitos são criados, e não dados, não só se põem por si, mas eles próprios devem ser elaborados e explicados e a função de conhecimento puro, que os envolve, passa a constituir uma pertença do grande sistema conceitual demarcado nas três ciências submetidas à sua aplicação: a Psicologia, a Filosofia e a Teoria da Mente. É por meio do conceito que a assinatura do estudioso contribuiu para a formação de cada sistema de conhecimento, na qual a consciência figura.<sup>14</sup>

Todo conhecimento principia pela intuição ou pela apreensão direta de fatos internos ou externos. Essas intuições sempre são limitadas a certos instantes determinados do tempo e a certos pontos no espaço, que redundam em fornecer os materiais necessários ao pensamento. Por meio dessas intuições e apreensões formamos as ideias, que emergem a partir de manifestações ordinariamente concretas e determinadas, mesmo que representem uma infinidade de coisas particulares. A unidade da ideia se transforma na pluralidade, que é própria do conceito, pela abstração e discursividade do conteúdo que procura expressar. Os conceitos são, a um só tempo, um fenômeno de face exterior e interior, porque concebem não só a essência, mas também a figura que ele descreve e, por isso, que nessa dupla dimensão permite-se que se forme o objeto para o qual a sua essência determina. O conjunto real e eficaz da disciplina,

---

<sup>13</sup> Cambiano, Giuseppe. *Filosofia e scienza nel mondo antico*. Turim: Loescher, 1976. p. 210.

<sup>14</sup> Lebrun, Gerard. *A paciência do conceito*. Trad. Silvio Rosa Filho. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 15.

que incorpora um conceito-núcleo de valor positivo universal e extratemporal de consciência, é que determinará a tábua científica das matérias que a utilizam e que assinalam como seu objeto.<sup>15</sup>

Na classificação das ciências, todo domínio do saber se caracteriza e organiza, progressivamente, por um objeto e método. O primeiro pela atividade genérica e essencial do pensamento e o segundo pela análise do pensamento expresso.<sup>16</sup>

A consciência, do latim *consire* (saber, ser conhecedor de) talvez constitua a fonte de problemas mais penetrante e provocante de todo ato cognitivo. A nossa própria consciência parece ser o mais elementar fato com que nos confrontamos. E, por isso, certamente é quase impossível dizer o que é a consciência. Daí possivelmente resulte a sua vocação polissêmica e de se encontrar desprovida de um *locus* comum nas tábuas das ciências. Se o termo assume vários significados, nos primórdios do pensamento humano organizado de forma mais refinada, encontramos em Sócrates a necessidade de “conhecer a si mesmo”, em conformidade com o preceito do oráculo de Apolo, em Delfos, ou em Platão, ao tratar do “saber do saber”, que nitidamente evidencia um caráter reflexivo da consciência. Em Aristóteles, o intelecto tanto pode conhecer outros objetos, como pode igualmente, conhecer a si mesmo.<sup>17</sup>

Ter consciência, fundamentalmente, é ter sempre consciência de si, e em consequência, ter consciência é pôr a si próprio dentre as próprias representações. Se poderia indagar se a consciência de uma pessoa é igual à de outros, ou ainda se os animais a têm, e se ela seria igual ou não dos seres humanos. Seria pertinente indagar, ademais, se as máquinas um dia teriam consciência. De qualquer

---

<sup>15</sup> Lévy, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Trad. Fernanda Barão. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. p. 173.

<sup>16</sup> Lorenzano, César Julio. *La estructura del conocimiento científico*. Buenos Aires: Zavalia Editor. p. 19.

<sup>17</sup> English, Jaques. *Sur l'intentionnalité et ses modes*. Paris: Puf, 2006. p. 57.

modo, ela designará sempre algum processo interno que determina níveis complexos de comportamento.<sup>18</sup>

Diversa é a consciência referida pela Psicologia. Nela o termo designa a compreensão que os indivíduos têm dos próprios processos psíquicos e a função de controle exercitada pelo indivíduo nesses processos internos. De forma mais simplificada, seria o conhecimento que um sujeito tem de si mesmo, dos seus estados e dos seus atos.<sup>19</sup>

Uma descrição mais rica da teoria cognitiva nos conduz a um detalhado mecanismo neurológico e, assim, podemos avaliar, criticamente, não só a concepção do processo cognitivo *per se*, mas, também, o seu mecanismo neural implícito, segundo o estado atual do conhecimento. Então somos conduzidos a outra noção, na qual a consciência é associada: a de percepção. Nesse sentido, a consciência passa a ser a percepção dos fenômenos que nos informam, a respeito da nossa própria consciência.<sup>20</sup>

A Psicologia, palavra geralmente atribuída a Goclenius de Marburgo, do grego “psykhé” (alma) e “logos” (tratado), etimologicamente, é a *ciência da alma*. Essa expressão é equívoca e até parece contraditória. Com efeito, uma ciência é sempre o estudo de fatos, através da observação e da experiência, para estabelecer as respectivas leis; ora, a noção de alma, sendo de ordem metafísica, não poderia, teoricamente, ser objeto de ciência.<sup>21</sup>

Essa contraposição (ou talvez e melhor mesmo, essa contradição) é simplesmente aparente, visto que na alma podemos considerar os fenômenos pelos quais se manifesta, denominados psíquicos, e a sua própria natureza ou essência. Daí, inclusive, o

---

<sup>18</sup> Francesco, Michele de. *Introduzione alla filosofia della mente*. 9ª ed. Roma: Carocci, 2002.

<sup>19</sup> Wolf, Werner. *Fundamentos de psicologia*. 4. ed. Trad. Olga Mantovani. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1978. p.23.

<sup>20</sup> Teitelbaum, Philip. *Psicologia fisiológica*. Trad. Álvaro Cabral. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p. 63.

<sup>21</sup> Bleger, José. *Psicologia de la conducta*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1977. p. 15.



emprego da palavra psicologia em duas concepções diferentes: Psicologia experimental ou científica e Psicologia racional ou metafísica. A primeira estuda os fenômenos psíquicos, por meio da observação e da experiência, para determinar as suas condições ou causas próximas e formular as leis que os regem. Ela é uma ciência descritiva e positiva e, portanto, uma ciência no sentido restrito da palavra. A segunda, que parte dos fatos psíquicos, procura dar a conhecer a natureza da alma, para daí deduzir a sua origem e o seu destino: é um saber especulativo de caráter racional.<sup>22</sup>

Do exposto, podemos concluir que o objeto da Psicologia é constituído pelos fenômenos psíquicos ou fenômenos da vida interior, como é mais corrente. Esses fenômenos podem ser percebidos em um duplo sentido: um externo e outro interno. O primeiro é constituído pelos objetos de ordem material, que nos são revelados pelos sentidos, como, por exemplo, onde está a caneta com que escrevemos, as roupas que usamos, e até mesmo o nosso próprio corpo, com todos os seus fenômenos, de ordem fisiológica. O segundo, um mundo interno, constituído por percepções, imagens, desejos, afetos, recordações etc., isto é, por um sem número de fenômenos de ordem espiritual que pertencem à vida interior, e são fenômenos da consciência. É a essa última categoria de fenômenos que chamamos de fenômenos psíquicos e é deles que se ocupa a Psicologia experimental e que nos interessam neste estudo.<sup>23</sup>

Distinta da consciência do plano psicológico segue a consciência intencional. Ela constitui o pressuposto universal sobre o qual tudo se compreende e tudo se entende. Essa consciência é aquela destinada institucionalmente, como um centro de referência, a dar ao sujeito a compreensão pura de um objeto que ele pretende conhecer. Ser intencional significa que a consciência é sempre consciência de

---

<sup>22</sup> Bleger, José. *Psicologia de la conducta*. 7ª ed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1977. p. 80.

<sup>23</sup> Marx, Melvin H. Hillix, William A. *Sistemas e teorias em psicologia*. 2ª ed. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 109.

alguma coisa. Significa que a consciência não se fecha sobre si, mas tende sempre para um objeto distinto e exterior a ela. De maneira que, se vejo um livro sobre a mesa, essa projeção não é apenas um puro fenômeno interior, mas refere-se a um objeto do mundo externo. Da mesma forma, quando me recordo de uma aula, essa lembrança leva a consciência a se referir a certos acontecimentos que tiveram lugar no meu passado. O mesmo se pode dizer da emoção e do próprio sentimento, que são fenômenos ainda mais subjetivos, pois, quando tenho medo, tenho medo de qualquer coisa, e o sentimento é uma forma de comportamento perante alguém.<sup>24</sup>

A compreensão pura de um objeto é buscada a partir de uma noção pura da consciência. Chega-se a essa consciência pura mediante o conceito determinante de intencionalidade. Segundo a concepção fenomenológica, entre as vivências sobressaem algumas que possuem a propriedade essencial de serem vivências de um objeto. Essas vivências são chamadas vivências intencionais, e na medida em que é consciência (amor, apreciações em geral etc.) de alguma coisa, diz-se que tem uma “relação intencional” com esta coisa. Ao se aplicar o método fenomenológico, especialmente por conta da chamada redução fenomenológica a essas vivências intencionais, chegaremos, por um lado, a captar a consciência como um puro centro de referência da intencionalidade, ao qual o objeto intencional é dado. E por outro lado, chegamos a um objeto que, depois da redução, não tem outra existência senão a de ser dado intencionalmente a esse sujeito. Na própria vivência, considera-se o ato puro, que parece ser, simplesmente, a referência intencional da consciência pura ao objeto intencional.<sup>25</sup>

Paralelamente à categorização da consciência psicológica e a intencional, encontramos a ideia da consciência como um problema

---

<sup>24</sup> Wolf, Werner, *Fundamentos de psicologia*. 4ª ed. Trad. Olga Mantovani. São Paulo: Editora Mestre Jou, s.d.

<sup>25</sup> Jacob, Pierre. *L'Intentionnalité*. Paris: Odile Jacob, 2004. p. 87.

voltado para os diversos processos neurobiológicos do cérebro e os seus efeitos na consciência. Embora seja isso mais propriamente um problema relacionado ao campo das Ciências Biológicas, tem merecido a atenção de destacados estudiosos, das mais variadas áreas do conhecimento, que se concentraram no que se denomina Filosofia da Mente. Tanto a sua designação como o seu conteúdo são objetos de acirradas controvérsias, de forma semelhante, diríamos, àquelas desencadeadas com os estudos da Filosofia da Ciência.<sup>26</sup>

A grande preocupação desses estudos pode ser resumida da seguinte forma: uma grande variedade de estímulos que nos afeta quando, por exemplo, provamos o sabor de uma fruta, ou vislumbramos o firmamento, sentimos a fragrância de um perfume, ou ouvimos determinados sons, como um concerto de música clássica. Todos eles disparam sequências de processos neurobiológicos que, ao final, causam estados internos, subjetivos, unificados, ordenados e coerentes de ciência e sensibilidade.<sup>27</sup>

São questões afetas a essa perspectiva de análise da consciência a de se saber o que exatamente acontece entre o estímulo em nossos receptores e a experiência de consciência ou sensibilidade. De forma mais analítica, indagaríamos o que acontece exatamente entre o estímulo em nossos receptores e a experiência de consciência e, em outra perspectiva, como os processos intermediários causam os estados de consciência. Demais disso, o problema não se atém apenas aos casos de percepção que mencionei, mas inclui as experiências de ações involuntárias, bem como processos internos, como se preocupar com os impostos ou tentar se lembrar do número do telefone da sogra.<sup>28</sup>

Não se deve olvidar que perceber tudo em nossa vida consciente, desde as sensações de dor, cócegas e coceiras até a

---

<sup>26</sup> Francesco, Michele di. *Introduzione alla filosofia della mente*. 9ª ed. Roma: Carocci, 2002. p. 99.

<sup>27</sup> Hierro-Pescador, José. *Filosofia de la mente y de la ciencia cognitiva*. Barcelona: Akal, 2005. p. 95.

<sup>28</sup> McDowell, John. *Mente y mundo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003. p. 129.

sensação de angústia do homem pós-industrial, sob o domínio do capitalismo tardio, ou o êxtase de esqui na neve são causados por processos cerebrais. Pelo que sabemos, os processos relevantes ocorrem nos níveis micro das sinapses, neurônios, feixes de neurônios e complexos celulares. Toda nossa vida consciente é causada por esses processos de nível inferior, mas só temos uma vaga ideia de como eles funcionam.<sup>29</sup>

Conhecer esse funcionamento é exatamente o propósito desses especialistas ligados à chamada Filosofia da Mente. Mas isso não é um problema que tenha merecido a atenção somente da intelectualidade recente. Desde os tempos dos gregos antigos, até os últimos modelos cognitivos de informática, toda a questão da consciência e sua relação com o cérebro continuam um tanto confusas.<sup>30</sup>

A resposta que determina toda elaboração teórica sobre o que é a consciência não foi e nem parece que será resolvida tão cedo. Seja pelas dificuldades intrínsecas do tema, seja pela orientação metodológica a seguir. Uma ligeira demonstração dessa dificuldade pode ser vista a partir do ponto sobre o qual estão assentadas as orientações referidas. Isso porque, é lugar-comum entre os estudiosos uma distinção básica entre os que são conhecidos como dualistas, que acreditam na existência de duas espécies fundamentalmente diferentes de fenômenos no mundo, a saber, mentes e corpos, e aqueles chamados de monistas, que consideram que ambos representam apenas uma única coisa. Os primeiros, os dualistas, poderiam se subdividir em “dualistas de substâncias”, segundo os quais “mente” e “corpo” nomeiam duas espécies de substâncias, e “dualistas de propriedade”, para os quais os termos “mental” e “físico” designam diferentes espécies de propriedades ou características de uma mesma substância – um ser humano, por

---

<sup>29</sup> Francisco, Michele di. *Introduzione alla filosofia della mente*. Roma: Carocci, 2002. p. 67.

<sup>30</sup> Humphrey, Nicholas. *Uma história da mente. A evolução e a gênese da consciência*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Campus, 1994. p. 4.

exemplo. Os segundos, monistas, por sua vez, subdividem-se em idealistas, para os quais tudo é essencialmente mental; e materialistas, que sustentam que tudo é, em última análise, físico e mental.<sup>31</sup>

É de se supor que a maioria das pessoas, em nossa civilização, aceite algum tipo de dualismo. Elas acreditam que têm tanto uma mente quanto um corpo, ou uma alma e um corpo. Mas essa não é a visão corrente entre os profissionais da Filosofia da Mente e, ao que parece, das ciências cognitivas em geral. A maior parte dos que trabalham nestes campos aceita uma versão do materialismo, pois acreditam que se trata da única filosofia consistente com nossa visão científica de mundo contemporâneo. Para os chamados dualistas de propriedade (de menor número) e os dualistas de substância relevantes são, em linhas gerais, os compromissos religiosos com a existência de uma alma.<sup>32</sup>

Em uma visão materialista, teríamos um problema: uma vez realizada a descrição de todos os fatos materiais no mundo, restará a impressão de que muitos fenômenos mentais foram deixados de lado. Por exemplo: mesmo que se tenham descrito todos os fatos sobre meu corpo e meu cérebro, vários fatos sobre minhas crenças, desejos e dores aparentemente terão sido deixados de fora. Sob essa perspectiva materialista, geralmente se conclui que esses fatos mentais devem ser excluídos ou reduzidos a fenômenos materiais. Os continuados estudos do que se poderia chamar de História da Filosofia da Mente, nos últimos anos ao menos, têm sido, em grande parte, uma tentativa de exclusão do mental e demonstração de que nenhum fenômeno mental existe dissociado dos fenômenos físicos. A terceira visão de consciência apegar-se ao estudo da realidade objetiva, ao qual a consciência se refere.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> Francesco, Michele di. *Introduzione alla filosofia della mente*. Roma: Carocci, 2002. p. 35.

<sup>32</sup> Martín Velasco, Juan. *Introducción a la fenomenología de la religión*. 7ª ed. Madrid: Editorial Trotta, 2006. p. 147.

<sup>33</sup> Bunge, Mario. *La ciencia. Su método y su filosofía*. 5ª ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005. p. 55.

Diante desse cenário, haveria de se indagar se as três manifestações formais de consciência, segundo os respectivos campos de estudo, encontrar-se-iam em alguma forma de *conexão* ou relação de *continência*. Ou se, ao contrário, elas se excluíam.<sup>34</sup>

A consciência, como sugere seu nome (*com+ ciência*) teria um lugar científico próprio e adequado? É um fenômeno psicológico institucional, ou uma realidade objetiva, como pretendem os adeptos da Filosofia da Mente? Que ramo do conhecimento teria o privilégio de enquadrá-la?<sup>35</sup>

Neste estudo, oferecemos a ideia de que não são antitéticas as várias visões da consciência e tampouco seriam órbitas que jamais se comunicam. Não são antitéticas, porque a autonomia dos ramos do saber seria, por si só, suficiente para tal afirmação, mas especialmente não o são porque é com base nos elementos de uma que a outra se afirma, definindo suas fronteiras e campos de atuação. Nesse particular, há uma evidente interdependência entre as disciplinas, que jamais se compreenderiam como uma antítese. Ao contrário, os diversos objetos servem de afirmação dos seus conteúdos bem delimitados por serem fundados e evidentes os seus objetos formais, embora com um mesmo aparente objeto material.<sup>36</sup>

Dessa forma, não constitui a consciência uma pertença de nenhuma forma de conhecimento, mas, ao contrário, pretendo objeto material de todas as ciências na medida dos seus próprios e distintos objetos formais. Cada uma com seu específico objeto formal, construído a partir da repartição do conhecimento, brotado a partir das fronteiras que seus estudiosos delimitaram.<sup>37</sup>

Resta, então, a seguinte dúvida: qual a relação entre as consciências delimitadas pelos objetos formais da Psicologia, da Fenomenologia e da Filosofia da Mente? Essa indagação já sugere a existência de algum vínculo ou relação, como, de resto, em todas

---

<sup>34</sup> Huneman, Philippe. Kulich, Estelle. *Introduction à la phénoménologie*. Paris: Armand Colin, 1997. p. 44.

<sup>35</sup> Bunge, Mario. *A la caza de la realidad*. Barcelona: Gedisa, 2006. p. 265.

<sup>36</sup> Gurwitsch, Aron. *Théorie du champ de la conscience*. Bruges: Éditions Desclée de Brouwer, 1957. p. 131.

<sup>37</sup> Dann Obregon, Ernesto. *Lógica*. 6ª ed. Buenos Aires: Editorial Mundi, 1971. p. 19.

as perguntas em geral. E então viria, de fato, a pergunta de forma mais analítica: há algum vínculo e qual seria ele?

Entendemos que há um tipo de *conexão* e não de continência, porque há elementos comuns, mas uma consciência não está contida na outra. Haveria uma *conexão por pressuposição*, porque uma deve pressupor a outra: a consciência psicológica pressupõe a fenomenológica e esta pressupõe aquela da realidade objetiva, a que se refere à Filosofia da Mente. E essa pressuposição seria *justaposta*, porque escalonada de forma graduada e piramidal. O ápice da pirâmide seria a psicológica; no seu centro estaria a fenomenológica e na sua base a da realidade objetiva, a que se refere à Filosofia da Mente. Desta forma, a relação entre elas é de *conexão por pressuposição justaposta*.<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Steenberghen, Fernand van. *Ontologie*. 3ªd. Louvain: Publications Universitaires de Louvan, 1961. p. 63.